



Uma análise do lugar histórico dos camponeses na Rússia

Danilo Chaves Nakamura¹

Naquela época, eu também estava pronta para agir. Não convinha ir sozinha, então eu escolhi dois jovens ajudantes. A primeira era Maria Kolenkina, que foi comigo como minha 'sobrinha'. Na preparação dela, ela aprendeu a tingir tecidos. Ela costurou roupas e fez passaportes para nós duas. Meu segundo companheiro era Jacob Stephanovich, meu 'sobrinho' e sapateiro. Nem minha Mashenka ('sobrinha'), nem eu poderíamos ser apanhadas como mulheres da 'Pequenas Rússia' (Ucrânia) e, uma vez que nosso destino eram as provinciais de Kiev e Kherson, nós preferimos passaportes e aparências de mulheres da 'Grande Rússia' (Rússia). Os passaportes eram da província de Orel. Nós falávamos a língua da região e nós combinamos que explicaríamos nossos modos e educação pelo fato de que pertencíamos a um *dvorovye*², vivíamos com nosso mestre e aprendemos muito com ele³.

No verão de 1874, milhares de estudantes abandonaram os bancos das salas de aula das universidades de Moscou e São Petersburgo para irem ao encontro dos camponeses russos. Assim como no relato acima de Katerina Breshkovskaia, vários jovens se prepararam para se aproximar do povo, conhecer o interior do país e virar o "mundo de ponta cabeças" a partir do encontro das velhas utopias camponesas com as utopias importadas do Ocidente. Inspirados pelas teorias românticas de autores como Herzen e Tchernichevski, por debates mantidos por publicações da *intelligentsia* russa como a *Vperiod*, de Lavrov; *Nabat*, de Tkatchov; *Narodnoe Delo*, de Bakunin; *Otietchestvienniie Zapiski*, de Mikhailovski; jovens universitários lançaram a campanha "ir ao povo" para trabalhar, comer e vestir-se como os *muzhiki* russos. O intuito desses militantes era transformar a realidade russa por meio de uma "atividade social" (fortalecer as comunas rurais e criar cooperativas, por exemplo) e não através da "prática política" de Estado (luta por reformas políticas do regime czarista).⁴

Esses jovens levavam a sério a ideia de que a aldeia adiantava elementos de uma sociedade socialista futura e, portanto, consideravam-na o espaço para o início de uma revolução social. *Mir* tem o significado em russo de "aldeia", "mundo", "paz"

¹ Mestre em história econômica pela Universidade de São Paulo.

² Casa de servos que executava serviços pessoais para os proprietários antes da emancipação de 1861.

³ BRESHKOVSKAIA, Katerina. Going to the people. In: *Readings in Russia Civilization*. Volume III. Chicago: The University of Chicago Press, 1969, p. 345.

⁴ Ver: FERNANDES, R. C. *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Ver também: VENTURI, F. *Roots of Revolution – a history of the populist and socialist movements in nineteenth century Russia*. New York: The Universal library, 1966.



e “universo”. Era governado por uma assembleia de anciões que, junto com a *obshchina*, comuna territorial, regulava todos os aspectos da vida no campo. As competências desse “autogoverno” haviam sido ampliadas com a emancipação dos servos, em 19 de fevereiro de 1861. Ou seja, suas funções administrativas, policiais e judiciais se converteram na unidade básica da administração estatal, a *volost*.⁵ E, assim sendo, a campanha “ir ao povo” buscava organizar os camponeses e iniciou-se provocando grande entusiasmo nos observadores da época: “Nada comparável foi visto jamais. Era uma revelação, mais do que uma propaganda (...). Era um grito poderoso (...), que chamava as almas despertas para a grande obra de redenção da pátria e da raça humana. (...) Abandonaram suas casas, suas riquezas, honra, família. Lançaram-se no movimento com uma alegria, um entusiasmo, uma fé que podem ser sentidos somente uma vez na vida e que uma vez perdido já não podem ser encontrados”.⁶

Em contrapartida a esse entusiasmo, no final de 1874, a repressão da polícia czarista já havia levado mais de 770 militantes da campanha para a prisão.⁷ A militante Katerina Breshkovskaia, em seus escritos e memórias sobre a campanha “ir ao povo”, pontua algo importante para entendermos os motivos da repressão. Ela ressalta que apesar das políticas liberais - que vinham sendo implementadas desde a década de sessenta do século XIX pelo czar - atividades de educação e organização fora da política oficial não poderiam ser toleradas pelas autoridades locais e pelo poder central. Era muito recente a experiência da libertação dos servos e as subsequentes revoltas camponesas em diversas regiões da Rússia. Nas palavras da jovem *narodnik*: “Em diversos lugares, esses eram os argumentos para justificar a repressão”.⁸

E, para além da repressão, o fato é que os camponeses viam com bastante desconfiança o comportamento urbano e as ideias desses jovens estudantes. “Eles escutam nossa gente como escutam os padres na igreja, ou seja, com respeito, mas sem entender nada, sem qualquer efeito sobre suas ações”,⁹ lamentava Kravchinski para sua companheira de militância Vera Zasluch. Em 1876, escreveu Stepniak a Lavrov: “Não podemos mudar a maneira de pensar de um em cada

⁵ PIPES, R. Rural Russia. In: *The Russia Revolution*. New York: First Vintage Books Edition, 1991, p. 90-120.

⁶ *Roots of Revolution – a history...* p. 503.

⁷ *Idem*, p. 506.

⁸ *Readings in Russia Civilization*. p. 352.

⁹ BERLIN, I. *Russian Thinkers*. New York: Pelican Books, 1978, p. 232.



seiscentos camponeses. (...) Todos começaram a perceber a necessidade de uma organização. Precisamos organizar uma revolta”.¹⁰

Como os diálogos entre os *narodniki* deixam a entender, o resultado do fim da campanha foi a necessidade de criar estruturas mais rígidas de partido. O *Zemlia y Volia*, por exemplo, afastou-se da propaganda aberta para a conspiração clandestina. Um racha nesta organização deu origem a duas vertentes do movimento *narodnik*: A *Naródniaia vólia* que acreditava que, por meio da violência contra o governo czarista, poder-se-ia desmoralizar a autoridade e destruir a admiração que os russos tinham pelo czar. Após várias tentativas fracassadas, essa tática resultou no assassinato do czar Alexandre II, em 1º de março de 1881. E a *Chiornyj peredel* liderado por Plekhanov que, no exílio em Genebra, viria fundar o *Ozvozdzenie truda* junto com Vera Zasulich, Pavel Axelrod e outros. Após se aproximarem do marxismo, esses mesmos militantes, em contato com a II Internacional, fundaram o RSDRP (*Rossiyskaya sotsial-demokraticheskaya rabochaya partiya*), ou seja, o Partido Social Democrata Russo, que defendia que a revolução social seria resultado de longas lutas políticas.¹¹ Mas vale ressaltar, de acordo com o historiador Andrzej Walicki, as fronteiras entre os *narodniki* “legais” e os “revolucionários”, ou ainda, entre os marxistas “legais” e os “revolucionários”, e todas as ideologias, táticas e estratégias que estamos descrevendo demoraram a se delinear completamente.¹²

Inicialmente, cada vertente a seu modo procurava demonstrar o antagonismo entre o “Estado” e o “Povo”. Sem as transformações políticas e o surgimento de instituições legais capazes de fortalecer a sociedade civil, como ocorreram no Ocidente, esse antagonismo ficou polarizado entre “tirania” czarista de um lado e “radicalismo” *narodnik* ou socialista de outro. Tendo em vista essa polarização, não nos parece verossímil a tese do historiador Orlando Figes, que descreve a Revolução Russa como um evento precipitado que conduziu o povo ao terror e a guerra civil. Para ele, nas últimas décadas do Antigo Regime, estava surgindo uma esfera pública que, caso os radicais tivessem dado um tempo para seu desenvolvimento, poderia ter transformado a Rússia em uma sociedade

¹⁰ *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx...* p. 36.

¹¹ *Idem.*

¹² Ver: WALICKI, A. *A history of Russian thought – from enlightenment to marxism*. California: Stanford University Press, 1979.



constitucional moderna.¹³ Se acompanharmos o desenvolvimento do Estado Moderno russo, mesmo no período das reformas liberais, veremos que as liberdades civis, conquistadas no final do século XIX, eram de pouca valia para a grande maioria do povo russo, o campesinato, pois elas sempre implicavam num acréscimo de vantagens para as elites.

De forma resumida, podemos dizer que com o fracasso da campanha “ir ao povo”, a ideia de “organizar o povo” para fazer a revolução ficou enfraquecida. Embora não seja possível apresentar os *narodniki* como um bloco homogêneo, depois da década de setenta do XIX, fortaleceram-se as ideias de primeiro “organizar uma vanguarda consciente”, “conquistar liberdades políticas” e “destruir o estado czarista” para depois “organizar o povo”. Essa postura se efetivou em organizações que atacavam frontalmente o Estado, mas sem vínculos efetivos com o povo. Isso era uma realidade, o que não significa aderir a explicações como a do historiador conservador Richard Pipes, segundo a qual a Revolução foi fruto de um contexto de fragilidade do Estado Russo e do trabalho de agitação de tutores profissionais, que em tempo integral, tratavam de inculcar nos trabalhadores o fervor revolucionário.¹⁴ Essa tese conservadora e vanguardista não dá conta, por exemplo, das relações sociais de opressão e da luta dos camponeses que, concomitantemente, mas de forma autônoma ao movimento dos trabalhadores urbanos, fizeram a revolução acontecer.

Quem pensa em nome do povo?

Essa breve lembrança inicial da campanha “ir ao povo” e de seus resultados nos ajuda a pensar a relação entre a chamada *intelligentsia* e os camponeses na Rússia. E isso, caso estivermos correto, nos ajuda a refletir sobre a fratura social russa que foi escancarada com os eventos da Revolução Russa de 1917, o que explica, em partes, o seu malogro posterior.

De acordo com o historiador Orlando Figes, a *intelligentsia* russa era menos uma classe social e mais um estado mental: “significava por definição uma atitude de oposição radical e absoluta contra o regime czarista, e um desejo de tomar parte na luta por sua queda.”¹⁵ Podemos afirmar que essa oposição ao governo é herdeira da revolta dos dezembristas (constitucionalistas que se rebelaram contra a

¹³ Ver: FIGES, O. *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*. Barcelona: Edhasa, 2000.

¹⁴ Ver o livro já citado: *The Russia Revolution*.

¹⁵ *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*. p. 164.



monarquia no interregno que sucedeu a morte de Alexandre I, em 1825), mas que se radicalizou a ponto de rechaçar qualquer tipo de cargo público ou de compromisso com o regime. Sobre a legislação russa, por exemplo, os diversos círculos dessa elite intelectual consideravam: “moralmente inferior aos antigos costumes dos camponeses e aos interesses da justiça social, o que justificava atacá-las.”¹⁶ Ainda seguindo Figes, este era “o fundamento moral do sentimento revolucionário que se apoderou das mentes das classes médias educadas durante os últimos anos do século XIX.”¹⁷

A Revolução Francesa, a filosofia iluminista, o nacionalismo e as utopias do romantismo europeu fortaleciam esse estado de espírito da *intelligentsia* russa. Tal influência gerou debates acirrados entre os “ocidentalistas” e os assim chamados “eslavófilos”. Mesmo sabendo que essas denominações sejam grandes “guardachuvas”, que abrigam pensamentos sempre em constante movimento, podemos dizer que ambos os lados faziam distinções entre a Rússia e o Ocidente, no entanto, os primeiros viam o processo de ocidentalização como algo positivo e, até certo ponto, inexorável para a superação do atraso histórico. Já os “eslavófilos” viam essa adesão como um processo de desenraizamento e buscavam valorizar as particularidades da história e da cultura russa. Um dos pensadores decisivos nesse embate de ideias foi Piotr Tchaadáiev, que, em 1836, publicou *Primeira carta filosófica* na revista *Teleskop*. Nesse texto, o autor expôs de forma polêmica o lugar a ser ocupado pelos intelectuais na cisão entre “Estado” e “Povo”.

As massas obedecem a certas forças que se situam no topo da sociedade. Elas não refletem diretamente. Entre elas há um certo número de pensadores que pensam por e as, que dão estímulo à consciência coletiva da nação e a põe em movimento. Uma minoria insignificante pensa, o resto sente, e é com o resultado que se obtém o movimento geral. Isso é verdade para todos os povos da Terra; exceção está apenas em algumas raças embrutecidas, que, da natureza humana, conservaram apenas o aspecto externo. Os povos primitivos da Europa, celtas, escandinavos e germanos possuíam seus druidas, seus escaldos, seus bardos que, à sua maneira, eram grandes pensadores. Olhe para os povos da América do Norte, que estão sendo erradicados com tanto afincos pela civilização material dos Estados Unidos: entre eles há pessoas de uma profundidade surpreendente. Mas agora eu lhe pergunto: onde estão nossos sábios, onde estão nossos pensadores? Quem entre nós pensou alguma vez, quem pensa por nós agora?¹⁸

¹⁶ Idem, p. 165.

¹⁷ Idem, p. 165.

¹⁸ TCHAADÁIEV, P. I. Primeira carta filosófica. In: *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. Org.: Bruno Barreto Gomide. São Paulo, Editora 34. 2013, pp. 75-76.



O autor procurou provocar os intelectuais russos afirmando que até aquele momento ninguém teria conseguido juntar “imaginação e razão” para unificar a civilização russa à história de todo o globo terrestre. Em 1850, a reflexão em torno dessa provocação de Tchaadáiev ainda estava viva. Aleksandr Herzen também dizia que o trabalho intelectual de pensar a Nação não se realizava na “cúpula do Estado, nem nas suas bases, mas entre elas, ou seja, principalmente no seio da pequena e média nobreza”¹⁹. Para ele, depois do fracasso dos dezembristas:

O povo havia se transformado em espectador passivo (...). Todas as pessoas conscientes viram as temíveis consequências da completa ruptura entre a Rússia nacional e a Rússia europeizada. Toda ligação viva entre esses dois campos fora rompida; era preciso restaurar o vínculo, mas de que modo? Essa era justamente a grande questão. Alguns acreditavam que deixando a Rússia a reboque da Europa, não seria possível fazer nada; esses depositavam suas esperanças não no futuro, mas na volta ao passado. Outros viam no futuro só infelicidade e devastação; amaldiçoavam a civilização monstruosa e o povo indiferente a tudo. Uma tristeza profunda dominava a alma de todas as pessoas de ideias²⁰.

Em outras palavras, para Herzen, o intelectual é que deveria restaurar o vínculo entre o Estado e o povo. E o contato entre a Rússia e a Europa colocava a necessidade de pensar um horizonte para o futuro. No entanto, essa relação entre futuro e passado da história russa, mencionado por Herzen, aparece de maneira bastante interessante no debate entre o *narodnik* Nikolai Mikhailovski e o pensador alemão Karl Marx. Mikhailovski foi um importante divulgador das ideias socialistas na Rússia, no entanto, em 1877, influenciado pela crítica do economista Juli Jukovski à obra de Marx, escreveu *Karl Marx sob o julgamento do Sr. J. Jukovski* (ou *O dilema do marxismo russo*). Nesse artigo, o russo acusa Marx de ter uma filosofia eurocêntrica e otimista da história. Para ele o capítulo sobre a acumulação primitiva poderia ser entendido como uma condenação da tentativa dos russos de encontrar um desenvolvimento diferente do seguido pela Europa Ocidental, ou seja, salvando as comunas rurais e evitando a expropriação dos meios de produção. Em resposta ao russo, Marx negou fazer filosofia da história e restringiu o alcance das análises de *O Capital* à história da Europa Ocidental. Para ele, somente estudando separadamente cada um dos casos e comparando-os é que se poderia encontrar “a chave do fenômeno, mas nunca chegaríamos a ela com o *passe-partout* de uma

¹⁹ HERZEN, A. Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825. In: *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. Org.: Bruno Barreto Gomide. São Paulo, Editora 34. 2013, p. 166.

²⁰ Idem, pp. 168-169.



teoria histórico-filosofica geral, cuja suprema virtude consiste em ser supra-histórica".²¹

Diante dessas divergências em relação a que caminho de desenvolvimento seguir, em 1882, Vasilii Vorontsov escreveu um livro intitulado *The Fate of Capitalism in Russia*. Nele, o autor abandona o pessimismo do diagnóstico de época de Mikhailovski e defende a possibilidade de um desenvolvimento econômico "não-capitalista". Para ele, a Rússia tinha o privilégio histórico de poder aproveitar o acúmulo de experiências do Ocidente e com isso desenvolver-se de forma consciente, "não tateando no escuro, mas sabendo o que deve ser evitado no caminho".²² E para seguir esse caminho, o Estado seria a instituição capaz de planejar o desenvolvimento em favor do bem público, "somente uma industrialização planejada diretamente pelo governo poderia garantir uma economia independente e prevenir a exploração da Rússia pelos países capitalistas".²³ Obviamente que sem discutir as disputas no mercado mundial, o papel da Rússia na produção de produtos primários e a necessidade da queda do governo czarista, Vorontsov passou a ser alvo de muitas críticas. Mas o fato é que a ideia de um Estado capaz de planejar o desenvolvimento industrial de forma "não capitalista" deixou fortes marcas no debate posterior sobre o desenvolvimento capitalista na Rússia.

Na medida em que essas ideias de Vorontsov sobre o fortalecimento do Estado passam a ser debatidas na Rússia, devemos considerar também o desenvolvimento das ideias anarquistas na Rússia, cuja principal questão era a abolição do Estado. Para Mikhail Bakunin, por exemplo, o Estado é "a mais completa contradição a tudo que é humano".²⁴ Sobre a comuna rural, ele não era acrítico. Por um lado, ele considerava positivo: as terras estarem nas mãos do povo; o apego dos camponeses a propriedade comunal; e o autogoverno, que tinha como consequência a hostilidade às instituições estatais. Por outro, questionava: o patriarcalismo; o engolfamento dos indivíduos no *mir*; e a fé dos camponeses no czar. Diferente de muitos *narodniki*, ele não via a comuna como uma força necessariamente revolucionária. Mas acreditava que uma revolução verdadeira só

²¹ MARX, K. à redação de *Otietchestvienniie Zapiski*. In: *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 168.

²² VORONTSOV, V. In: WALICKI, A. *A history of Russian thought – from enlightenment to Marxism*. California: Stanford University Press, 1979, p. 428.

²³ *A history of Russian thought – from enlightenment to marxism*. p. 432.

²⁴ BAKUNIN, M. In: WALICKI, A. *A history of Russian thought – from enlightenment to Marxism*. California: Stanford University Press, 1979, p. 277.



poderia ser realizada pelo povo e em nome dos ideais populares e tinha grande apressa na vitalidade da grande tradição das revoltas camponesas de Stenka Razin e Pugachev.²⁵ Pensando nisso, Isaiah Berlin destaca uma declaração de Bakunin. Para o revolucionário russo, “o único elemento verdadeiramente revolucionário na Rússia são as palavras valentes dos bandoleiros e dos desesperados que não tem nada a perder. Destruirá o velho mundo - após o qual o novo surgirá espontaneamente como a fênix das cinzas”.²⁶ Em suma, diz Berlin: “Bakunin coloca suas esperanças também nos filhos da nobreza arruinada, em todos aqueles que afogam suas dores e indignação em surtos violentos contra o meio de calafrios”.²⁷

Ocidentalistas ou eslavófilos, pessimistas ou otimistas, estatistas ou anti-estatistas, reformistas ou revolucionários... O fato é que todos esses debates sobre a particularidade do desenvolvimento histórico da Rússia eram produtos da atividade intelectual de uma pequena elite que se formava a partir do contato com o Ocidente. Ou seja, uma *intelligentsia* que se formou separada e contraposta à Rússia oficial que se sustentava por meio de um regime autocrático e anti-iluminista. Mas que, de forma concomitante, também se desenvolveu apartada da maioria do povo russo pela educação. Como bem documentaram Isaiah Berlin, Andrzej Walicki, Franco Venturi e outros estudiosos, podemos dizer que o pensamento europeu se expandiu como moda pelas universidades e salões, principalmente em Moscou e São Petersburgo. Primeiro o hegelianismo, depois darwinismo até chegar o marxismo. Em outras palavras, os intelectuais discutiam apaixonadamente às ideias abstratas ocidentais que estavam na moda em meio à realidade do “atraso russo”. Tudo isso, somada a imensa noção de dívida que os intelectuais tinham para com o povo. Nikolai Mikhailovski, por exemplo, confessava: “A gente se deu conta de que nossa consciência universal só podia ser alcançada a custa do prolongado sofrimento do povo. Somos devedores do povo e essa dívida pesa sobre nossa consciência”.²⁸

As especificidades do campo russo

O povo credor da culpa da *intelligentsia* era o camponês. Mas quem era o camponês russo (o *muzhik*)? Tradicionalmente, o *muzhik* é descrito como um trabalhador rural similar aos camponeses da Europa Ocidental da Idade Média, ou

²⁵ Idem, p. 279.

²⁶ *Russian Thinkers*, p. 108-9.

²⁷ Idem, p. 109.

²⁸ *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*, p. 166.



seja, vivendo sem eletricidade e máquinas agrícolas. Plantando no antigo sistema de três campos, com poucas cabeças de gado e morando em barracos sem um sistema de aquecimento adequado para os rigorosos meses de frio. Ou ainda, aquele que tinha uma vida constantemente ameaçada pelos insucessos da safra. Que o tempo passava regulado por um “calendário agrícola”, marcado por festas e trabalhos específicos como a semeadura, o plantio e a colheita.

Descrição como essa acima, pode servir para caricaturizar camponeses de qualquer região. Entretanto, já no século XIX, pensadores eslavófilos como Ivan Kiriêievski já buscavam diferenciar o campo russo. No Ocidente, argumentava o autor, a paisagem era repleta de castelos murados para que os nobres pudessem viver com suas famílias e os camponeses viviam ao redor da nobreza. “O cavaleiro era uma individualidade, a plebe, parte de seu castelo”.²⁹ Na Rússia, diferente disto, “não veremos castelos, nem plebe ordinária circundante, nem cavaleiros nobres, nem reis em luta com eles”,³⁰ pois na estrutura social russa a personalidade é a base primeira, “o direito à propriedade é apenas uma relação ocasional”.³¹ Cito o autor:

A terra pertence à *obschina* porque a *obschina* é composta de famílias, que são compostas de pessoas capazes de cultivar a terra. Com o aumento do número de membros da família, aumenta também a quantidade de terra pertencente à família; a redução desse número implica a diminuição da quantidade de terra. (...) As relações do proprietário com o governo não dependem da propriedade, mas a propriedade depende das suas relações individuais.³²

Essa era a forma regular do “espírito fundamental de toda a estrutura do Estado russo”³³ segundo Kiriêievski. No entanto, para além dessa descrição formal da *obschina* - que estava diretamente relacionado com a idealização que a *intelligentsia* produzia para criar uma identidade *sui generis* do mundo russo - é preciso entender como ela se mantinha, por exemplo, após a reforma que libertou os servos. Podemos dizer que embora o camponês russo ainda se organizasse de acordo com a antiga tradição descrita acima, a realidade estava longe de ser harmoniosa. Em 1877, ou seja, dezesseis anos após a abolição da servidão, o

²⁹ KIRIÊIEVSKI, I. Sobre o caráter da ilustração da Europa e a sua relação com a ilustração da Rússia. In: *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. Org.: Bruno Barreto Gomide. São Paulo, Editora 34. 2013, p. 219.

³⁰ Idem, p. 220.

³¹ Idem, p. 222.

³² Idem.

³³ Idem.



jornalista Gleb Uspenskii passou alguns dias convivendo com camponeses na província de Samara e fez descrições impressionantes da realidade. No relato do jornalista, a província tinha uma natureza abundante, com rios cheios de peixes, terras férteis e florestas com uma diversidade impressionante de fauna e flora. Todavia, “não havia um dia em que algum acontecimento, cena ou conversa não rompesse instantaneamente com as fantasias e quebrassem todas as deduções sobre a vida no campo”.³⁴ Uma mulher de idade passando necessidades porque a comuna tomou as terras da família após o marido sofrer um acidente e se tornar improdutivo. Proprietários expandindo a produção na área da floresta comunitária e utilizando trabalho de camponeses que já passavam dificuldade para pagar aluguel de 3 a 5 rublos por *desjatína*³⁵ de terra. Em relação às dívidas dos camponeses com os grandes proprietários, ressalta Uspenskii, a antiga palavra *barshchina* - dívida que o trabalhador pagava na forma de trabalho na terra do senhor na época da servidão - voltou com força nas vilas contemporâneas. Em suma, “o camponês permaneceu quase um servo”.³⁶

É a partir dessa realidade descrita acima que, de Genebra, a militante Vera Zasulich procurou consultar Karl Marx por meio de uma carta. A pergunta dela era a seguinte: “A comuna rural – liberada das excessivas pressões fiscais, das indenizações aos grandes proprietários rurais e da arbitrariedade administrativa – será capaz de desenvolver o caminho socialista, isto é, de organizar gradualmente sua produção e a divisão de seus produtos em bases coletivas (...) ou, ao contrário, a comuna está condenada a ruína”.³⁷ Marx, em seus rascunhos, retoma seus estudos etnológicos para descrever como das comunas de tipo arcaico sobram apenas alguns exemplares dispersos na Europa Ocidental. Mas a Rússia, diz ele: “É caso único na Europa”, pois de forma diferente, “ela [a comuna] se manteve como forma quase predominante da vida popular e estendida sobre um imenso império”³⁸. Entretanto, ele argumenta:

³⁴ USPENSKII, G. From a Village Diary. In: *Readings in Russian Civilization*. Vol. II. Chicago: The University of Chicago Press, 1969, p. 360.

³⁵ 1 *desjatína* equivale a 1,09 hectares ou 2,7 acres.

³⁶ Idem, p. 365.

³⁷ ZASULICH, V. Vera Zasulich a Karl Marx em 16 de fevereiro de 1881. In: *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 173-4.

³⁸ MARX, K. Primeiro rascunho – fevereiro e março de 1881. In: *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 179-9.



A senhora sabe perfeitamente que hoje a própria existência da comuna russa está ameaçada por uma conspiração de interesses poderosos. Esmagada pelas exações diretas do Estado, explorada fraudulentamente pelos capitalistas intrusos, comerciantes etc., e pelos 'proprietários' fundiários, ela é, ainda por cima, minada pelos usuários das aldeias, pelos conflitos de interesses provocados em seu próprio seio em consequência da situação a que foi levada³⁹.

Como sabemos, a resposta que chegou a Zasulich foi bastante sucinta. De forma muito parecida à resposta dada a Mikhailovski quatro anos antes, Marx restringiu as formulações de *O Capital* à Europa Ocidental. E, portanto, ele afirma não ter uma resposta consistente, nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural. Porém, continua Marx, "os estudos sobre o tema tinha o convencido de que a comuna é o ponto para a regeneração social na Rússia".⁴⁰ As perguntas que ficam para nós são: o que Marx entendia por "regeneração social na Rússia"? Quem seria o sujeito histórico dessa regeneração social? Nesses escritos, Marx, dentre outras coisas, não formula nada sobre as revoltas camponesas que se acumulam ao longo da história russa. Nos rascunhos, ele apenas diz que a salvação da comuna não é uma questão teórica, mas sim uma questão prática, ou seja, "um inimigo a derrotar". "Para salvar a comuna", prossegue Marx, "é preciso uma revolução russa". E para a revolução russa acontecer, "a parcela inteligente" deveria "concentrar todas as forças vivas do país para assegurar um livre curso à comuna rural"⁴¹.

As discussões sobre quais seriam as forças sociais capazes de regenerar a comuna social russa e sobre o papel da parcela inteligente (podemos dizer, da *intelligentsia*) nesse processo são de extrema importância. Mas no caso russo, como vimos, Marx forneceu respostas genéricas. E, em geral, para os marxistas que escreveram posteriormente sobre o tema, assim como para os liberais, a questão já estava resolvida. Para eles, era evidente que, diante do processo histórico, os camponeses se dividiriam em duas classes (de um lado, os proprietários se transformariam em empreendedores capitalistas e, de outro, em trabalhadores sem terra) e, deste modo, a ideia de "regeneração" das comunas era uma possibilidade perdida. Friedrich Engels, em 15 de março de 1892, escreveu para Nikolai Danielson, economista *narodnik*: "Temo que sejamos obrigados a encarar a *obshchina* como um sonho de um passado que não volta mais e a contar, no futuro,

³⁹ Idem, p. 183.

⁴⁰ MARX, K. Karl Marx a Vera Zasulich em 8 de março de 1881. In: *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p.188.

⁴¹ Idem, p. 185.



com uma Rússia capitalista"⁴². Mais a frente: "Entre os camponeses e os antigos senhores parece crescer uma nova classe de proprietários de terra, a classe dos *kulaki* rurais e dos burgueses urbanos"⁴³. Lenin também seguia essa interpretação, uma crença baseada mais numa teoria do que na realidade.

O historiador Orlando Figes, contrariando essa teoria, oferece uma explicação bastante fundamentada. Para ele, "as diferenças fundamentais dos níveis de vida do campesinato eram de raízes geográficas"⁴⁴ e não um processo irreversível de extinção das comunas e dos *muzhiki*. "A agricultura comercial se enraizou na zona circular de regiões no entorno do antigo centro moscovita da Rússia durante o século XIX."⁴⁵ Ou seja, em algumas partes do Báltico, onde depois da emancipação dos servos, proprietários locais, que tinham acesso ao mercado ocidental de grãos, converteram a produção de suas fazendas em produção capitalista. Na Ucrânia ocidental, os nobres estabeleceram grandes fazendas de açúcar. Nas regiões férteis do Sul da Rússia e do Norte do Cáucaso. Ou ainda, na Sibéria ocidental, pois a construção da ferrovia transiberiana possibilitou que proprietários se enriquecessem produzindo cereais para o mercado. Em contrapartida, nas províncias centrais da Rússia, a forma da comuna rural era praticamente única e entre elas havia poucos sinais de desenvolvimento comercial. É importante ressaltar essa diferenciação geográfica para falar na possibilidade de "regeneração das comunas" e também para compreender que, pois depois da revolução de 1917, as regiões citadas acima se transformaram nos grandes baluartes da contrarrevolução.

Vale ainda pontuar que, para entendermos as especificidades do campo russo, além de ressaltar as diferenças em relação ao campo no Ocidente, os problemas da comuna pós-abolição da servidão devido ao endividamento dos camponeses, ou ainda, a geografia do desenvolvimento mercantil, precisamos debater a dinâmica própria das práticas camponesas. Práticas sem as quais não entenderíamos o histórico de resistência e revoltas que marcam o mundo rural russo. Ao contrário de Richard Pipes, que descreve os camponeses como pessoas primitivas, que só podiam desempenhar um papel destruidor durante a revolução e prontos para serem manipulados pelos bolcheviques, Moshe Lewin e Orlando Figes -

⁴² ENGELS, F. Friedrich Engels a Danielson em 15 de março de 1892. In: *Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 219.

⁴³ Idem.

⁴⁴ *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*, p. 144.

⁴⁵ Idem, p. 144.



sem cair nas teorias românticas sobre os camponeses - escreveram trabalhos historiográficos capazes de apresentar como a autonomia dos camponeses em relação ao resto da sociedade em diversos âmbitos (jurídico, político, econômico, cultural e social) fortalecia a resistência. Bem como certa integração por meio da alfabetização abriria possibilidades para que os camponeses reestruturassem o conjunto da sociedade rural num eventual processo revolucionário.

Moshe Lewin complexifica as discussões feitas por autores como Belinski, Tchekhov e Lenin sobre se, em questões religiosas, o *muzhik* era devoto ou supersticioso, cristão ou pagão, ortodoxo ou anticristão, milagreiros ou mágicos, Lewin demonstra que o termo *dvoeverie* (dupla fé) garantiu, no universo religioso da Rússia rural, a coexistência de diferentes subsistemas com influências da Ásia, da Antiguidade Clássica, da Idade Média, das antigas crenças eslavas, cátaras, maniqueístas e de diversas outras heresias antigas e modernas.⁴⁶ Esse "cristianismo rural" - segue sugerindo Lewin - era o amálgama da velha civilização agrícola russa. E esta civilização foi capaz de suportar crises não por conta de uma instituição - a igreja - mas devido a vários elementos inerentes à realidade social da aldeia, cuja religião é central para entendermos os mecanismos de resolução de conflito e de solidariedade entre os familiares e vizinhos. Somente tendo isso em vista é que conseguimos entender as resistências camponesas ao longo da história russa. Em momentos de crise, por exemplo, eles podiam recuar e optar por sair da "grande sociedade", fechando-se no seu "mundo" [*mir*]. Mundo que tem a sua disposição uma economia de subsistência, um sistema de direito e uma religião. Nas palavras do próprio autor: "Este potencial do campesinato tradicional sempre foi temido pelos governantes e intelectuais (...). Os camponeses podiam efetuar recuos na economia de mercado através da naturalização das suas necessidades; afastar-se do mundo da cultura oficial, dos tribunais, dos assessores fiscais, voltando aos estágios mais primitivos. E isto poderia ser catastrófico, pois seria a causa e o resultado de um cataclisma social."⁴⁷

Somado a esse elemento de persistência da tradição, temos, na curta duração do tempo histórico, a progressiva educação dos camponeses mais jovens. De acordo com Figes: "A alfabetização na Rússia passou de 21 por cento da população do Império em 1897 para 40 por cento na véspera da primeira guerra mundial. (...) Nove de cada dez camponeses recrutados no Exército imperial

⁴⁶ MOSHE Lewin. *Making of the soviet System*. New York: The New Press, 1985, p. 69.

⁴⁷ Idem, p. 71.



procedentes das províncias de São Petersburgo e Moscou eram considerados alfabetizados⁴⁸. Os jovens eram os principais beneficiários dessa política estatal. Nos últimos anos do antigo regime (entre 1878 e 1911), o número de escolas passou de 20 mil para 100 mil e com isso, mais da metade das crianças do campo ingressavam nas escolas primárias. Com tudo isso, “a palavra escrita dividiu a aldeia em grupos geracionais”. De um lado, a geração antiga e analfabeta, de outro, jovens que liam e passavam a aderir a perigosas ideias políticas e a novas técnicas de produção no campo. “Esta divisão cultural será uma característica fundamental da revolução camponesa. Uma parte era progressista e reformadora: buscava aproximar a aldeia das influências do mundo urbano e moderno. Porém outra parte da revolução camponesa era restauradora: buscava defender a aldeia tradicional contra estas mesmas influências”⁴⁹.

Em suma - ainda que não concordemos com a interpretação de que as reformas pré-revolução (a educacional, nesse caso) fossem fortes e capazes de fazer com que a Rússia não trilhasse um caminho violento de transformação social, como quer Figes - podemos afirmar que as gerações de camponeses eram forças sociais vivas e, seja pelo apego a tradição, seja pela adesão aos valores ocidentais, podemos também supor que eles eram sujeitos capazes de resistir e de organizar o campo russo sem serem tutelados como se fossem seres passivos diante de um processo histórico.

Formação da Rússia moderna e a perpetuação do *nexus* rural.

Numa abordagem de longa duração, é comum os historiadores falarem em “duas Rússias” para explicar a forte estratificação da sociedade russa. A parte superior da sociedade teria se modernizado e acompanhado as tendências socioculturais provenientes do Ocidente. A parte inferior, pelo contrário, teria permanecido numa sociedade bizantina, reprimida e subterrânea. Historicamente, a parte inferior, localizada na área rural, era composta pelos servos. A nobreza proprietária também se ocidentalizou, reservando o subsolo para os pobres *muzhiki*. Tal separação era uma estrutura rígida que nem mesmo a abolição da servidão de 1861 conseguiu quebrar completamente. Embora a abolição tenha possibilitado uma série de mudanças - principalmente, no desenvolvimento de um setor capitalista

⁴⁸ *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*, p. 129.

⁴⁹ *Idem*, p. 131.



pequeno, mas dinâmico (na agricultura, mineração e indústria) - ela não quebrou o "o nexus rural", que assentava o poder da autocracia czarista.⁵⁰

Para entendermos melhor a força dessa estrutura social - que na aparência se dispunham como "duas Rússias" - seguiremos alguns pontos da cronologia histórica comentada de Vito Letizia, trabalho que será publicada no terceiro volume de *Diálogos com Vito Letizia*, coleção de livros organizada pelo coletivo Cemap-*Interludium*. De acordo com o autor, a propriedade da terra adquiriu características mais rígidas na Rússia em 1565, sob o reinado de Ivan IV. Ele criou a *opritchnina*, força militar subordinada ao czar. Inicialmente integrada por 1.000 *oprichniki*, filhos de boiardos, que receberam domínios, a título de benefício (*pomiestie*). Os *oprichniki* deveriam prestar serviço militar (eventualmente administrativo) durante a vida inteira. E o resultado final é que as terras russas e a nobreza ficaram divididas em duas partes inicialmente equivalentes: a área de *votchina*, pertencente aos boiardos, e a área de *pomiestie*, entregue à nova nobreza de serviço.

Ivan IV foi o primeiro czar a suspender o "direito de partida" dos camponeses. Era um direito de saída temporária do domínio senhorial, que os camponeses usavam para abandonar definitivamente os maus senhores. Para Richard Pipes, as conquistas dos Canatos de Kazan e Astrakan abriram para os russos uma vasta área para colonização, o que também impulsionou os camponeses a abandonar as terras senhoriais e deste modo, controlar o direito de partida se fez necessário.⁵¹ Anos depois, Pedro, o Grande – que ficou marcado na história russa por ser o czar que realizou uma modernização industrial, trazendo grande número de técnicos estrangeiros, que ajudaram a desenvolver a construção naval e as fábricas de armamentos, além da siderurgia – tornou mais rígido o vínculo entre senhor e servo. Para que não faltasse mão de obra às novas indústrias, Pedro realizou em 1721 a reforma do sistema servil, transformando a sujeição baseada na servidão da terra em servidão direta ao senhor. Com isso, o senhor passou a ter o direito de deslocar seus servos para qualquer lugar, tratando-os como propriedade.

De acordo com os comentários da cronologia, isso é importante, pois o mesmo czar que iniciou o processo de modernização é também o responsável por seu travamento. Em 1723, Pedro diminuiu os investimentos nas manufaturas estatais e as ofereceu para particulares. Mas ao contrário do Ocidente, essa abertura não fortaleceu o surgimento de uma "burguesia industrial", mas sim de uma "nobreza industrial". E o resultado só poderia ser esse, pois somente a nobreza

⁵⁰ *Making of the soviet System*, p. 12.

⁵¹ PIPES, R. *Russia under the Old Regime*. New York: Penguin Books, 1995, p. 83.



dispunha de mão de obra abundante, uma vez que, sob a legislação servil mencionada acima, podia transferir seus servos para onde quisesse. É por esta razão que uma classe industrial burguesa só começará a se desenvolver a partir da abolição da servidão, embora ainda bastante dependente das iniciativas do Estado.

Leon Trotski, em *História da Revolução Russa*, afirma que após longas polêmicas científicas ficou comprovada a existência de uma “época feudal” na Rússia. Para Trotski, “um feudalismo imperfeito”, que não deu condições para o artesanato se “desvincular por inteiro da agricultura e conservou sempre o caráter de trabalho em domicílio”⁵². Por isso, as cidades russas eram insignificantes do ponto de vista da produção. Não fortaleceu uma burguesia capaz de criar movimentos de reforma contra a Igreja Ortodoxa e burocrática e a favor de um cristianismo adaptado às necessidades da sociedade burguesa. Assim, a luta contra a Igreja do Estado não transcendia o cristianismo das seitas camponesas, como o cisma dos “Velhos Crentes”. Para ele, a revolta de Pugachev (1773-1775), movimento dos cossacos, camponeses e operários servis dos Montes Urais, foi apenas uma revolta. Não foi uma revolução como a Revolução Francesa, pois faltava um terceiro Estado, uma burguesia. Em resumo, para Trotski, por detrás das “leis do desenvolvimento combinado” existe sempre um contexto histórico deficitário em relação à história do Ocidente.

De acordo com Vito, podemos dizer que até meados do XVI, existiu um “feudalismo” na Rússia, como afirma Trotski, mas além dos fatos já mencionados acima, é preciso dizer que se tratava de um feudalismo particular, desprovido da tendência à fragmentação, que gerara no Ocidente vários graus de vassalagem, em função do sistema de enfeudamento; ao passo que na Rússia, além de não terem surgido camadas intermediárias entre os príncipes e os boiardos tradicionais, estes não deviam seus domínios aos príncipes, como os deviam os barões ocidentais a seus suseranos. Ivã IV instaurou um despotismo fortemente centralizado. Nenhum soberano do Ocidente poderia expropriar a nobreza tradicional para criar outra a seu gosto como fez Ivan. E, principalmente, enquanto no Ocidente a decadência da nobreza territorial dera lugar a uma classe burguesa com poderes crescentes, na Rússia a decadência dos boiardos abriu espaço a uma vasta nobreza de serviço, cuja expansão determinou sua evolução de “feudalismo bizantino” para “despotismo bizantino”, fortemente centralizado. Situação que não tem similaridade seja com a história do Ocidente, seja com o restante do Oriente.

⁵² TROTSKI, Leon. *História da Revolução Russa*. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 22.



Mas para além de traçar paralelos com a história do Ocidente, precisamos entender o desenvolvimento singular da Rússia. A libertação dos servos, por exemplo, que é considerada por muitos como um momento de distensão do poder despótico, não pode ser considerada como um gesto espontâneo do czar ou a queima de etapas para alcançar o desenvolvimento dos outros países Europeus. E para demonstrar isso, basta frisar que a história da Rússia é marcada por uma série de revoltas camponesas: Revolta de Stenka Razin (1667), Revolta de Bulavin (1705), Revolta de Pugachev (1773-1775) entre outras. No ano da libertação, 1861, o historiador Leonel Kochan afirma que 499 revoltas com necessidade de deslocar tropas foram registradas. E, ainda de acordo com esse estudioso: “O ministro do Interior deu conhecimento de não menos de 647 incidentes tumultuosos dos camponeses nos primeiros quatro meses seguintes à promulgação do estatuto da emancipação”⁵³. As revoltas prosseguiram, pois os camponeses, embora legalmente livres da servidão, se tornaram “dependentes temporários”, pois deviam resgates a serem pagos em até 49 anos para os proprietários de terra.

O período posterior a libertação dos servos abriu para a Rússia uma nova fase de modernização capitalista. Patrocinado por um Estado – então envolvido nas disputas pelo domínio do mercado asiático – o desenvolvimento capitalista em alguns setores se acelerou no final do século XIX e início do XX. E aqui podemos voltar às discussões sobre as organizações políticas e a relação delas com os camponeses que fizemos no começo desse texto. O operariado russo era o indivíduo proveniente do campo, muitos migraram definitivamente para as grandes cidades, outros mantiveram o vínculo com o campo trabalhando nas indústrias como trabalhador temporário. Eles passaram a ter como referencia de luta duas organizações: O Partido Socialista Revolucionário (SR), que não distinguia nitidamente os camponeses dos trabalhadores urbanos, considerando ambas as classes potencialmente revolucionárias. Mas até os desdobramentos iniciais da Revolução de Outubro, seu poder de influência estava no campo. O Partido Social Democrata, que próximo das teorias da II Internacional, buscava organizar os trabalhadores urbanos para um processo revolucionário que seria resultado das relações de exploração capitalista (divergências em relação às reformas, ao internacionalismo e à guerra dividirão o partido em Mencheviques e Bolcheviques). Os grupos anarquistas mantinham atividades com os trabalhadores e camponeses em várias cidades, em especial, Kronstadt e Moscou. Essas organizações de trabalhadores se defrontavam com uma burguesia fortemente ligada ao sistema

⁵³ KOCHAN, L. *A formação da Rússia Moderna*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1962, p. 200.



czarista. A burguesia se organizava no *Konstitutsionno-Demokraticeskaya Partiya, Kadets*, partido liberal que, vinculado as *zemstvos* - conselhos distritais – lutava por uma Constituição. Parte dessa burguesia ainda provinha da nobreza de serviços, que aos poucos também passava a se dedicar exclusivamente às atividades industriais e urbanas.

Mas até aqui, apesar das mudanças sociais geradas pela abolição da servidão, o “nexus rural” foi mantido, ou seja, o despotismo czarista desenvolvia a economia e subjulgava a população russa mantendo as estruturas sociais do passado, o czarismo aliado aos nobres continuava dispondo de mão de obra barata, baseando-se ainda na miséria camponesa.

Revolução russa e a quebra do *nexus* rural

As duas revoluções, de fevereiro e outubro de 1917, quebraram esse “nexus” que estruturou a exploração do trabalho ao longo da história do Império Russo. O processo revolucionário eliminou um dos polos do “nexus rural”. Em suma, o governo czarista caiu e a nobreza rural estava sendo expulsa do campo, principalmente, pelo papel ativo dos camponeses na tomada das terras que aconteceu de março a outubro de forma espontânea. Tudo isso foi fortalecido pelos comitês de terra, que assim como os *soviets* nas cidades mantinham o “duplo poder” e, portanto, garantia que os movimentos dos operários e dos camponeses pudessem atuar de forma autônoma em relação à burguesia. No momento inicial, os *Kadets* também ocupavam o Governo Provisório, chefiado por Alexander Kerensky, e buscavam, junto com os monarquistas, travar o desenvolvimento do processo revolucionário.

No verão de 1917, diversos proprietários de terras escreveram memorandos relatando a atividade dos comitês de camponeses. Em Kirsanov, na província de Tambov, um proprietário relatou: “Em muitos distritos, os comitês fizeram buscas e apreensões, armas foram tomadas e a venda de produtos da propriedade proibida. Todas as transações comerciais eram inspecionadas pelo comitê do distrito, elas só poderiam acontecer após o comitê avaliar as condições. (...) Tornou-se impossível dirigir uma fazenda e muitos proprietários fugiram para as cidades”.⁵⁴ O memorando do diretor do Banco do Estado de Chistoposk também descreveu a tomada de terras: “Os camponeses com prazer ouvirão as notícias de novas agitações, como fizeram no caso da terra (a terra deveria ser nossa, sem demora, é

⁵⁴ The Russian Village, summer 1917. In: *Readings in Russian Civilization*, vol. III, Chicago: The University of Chicago Press, 1969, p. 508.



preciso aproveitar agora e não esperar a Assembleia Constituinte).”⁵⁵ Em resumo, inicialmente, os camponeses esperaram as decisões que viriam após a Revolução de Fevereiro. Mas quando eles descobriram que o Governo Provisório estava propondo que as questões camponesas só seriam resolvidas na Assembleia Constituinte, eles resolveram agir por conta própria.

As expropriações, afirma Orlando Figes, proporcionaram aos camponeses um direito histórico e moral. Nas terras tomadas se escutava com frequência: “Nosso senhor se foi, essa terra é nossa”.⁵⁶ Os membros das comunas se demonstravam solidários e organizados. De acordo com autor: “Era comum a assembleia aprovar uma resolução obrigando todos os membros do comitê a participar das marchas para tomar fazendas ou participar de outras formas de resistência camponesa, como greves e boicotes contra os alugueis”.⁵⁷ Mas quebrado o “nexus” que estruturou séculos de exploração, como pensar e organizar o polo remanescente do antigo mundo rural russo? Qual seria o lugar para os *muzhiki* num contexto de abertura para uma realidade social totalmente nova? Qual seria o papel reservado - numa sociedade socialista - para a população que se encontrava do fundo da escala social e que, até o momento, pagara por tudo (servidão, expropriação, exército populacional de reserva para as novas indústrias)?

Inicialmente, os bolcheviques apoiaram a tomada de terras pelos camponeses. Posição que os outros partidos eram contrários. Mesmo os Socialistas Revolucionários, partido influente no campesinato, afirmavam que somente a Assembleia Constituinte era detentora legal do poder para decidir sobre a questão agrária. Como se sabe, essa posição dos bolcheviques gerou a reprovação de Rosa Luxemburg que, da Alemanha, acompanhava apreensiva os fatos Revolução Russa. Para Luxemburg, os bolcheviques deveriam rapidamente organizar a “agricultura socialista”, pois: “(...) o camponês russo, tendo tomado a terra por sua própria conta, não pensou nem em sonhos em defender a Rússia e a revolução, à qual devia a terra. Aferrou-se à sua nova propriedade e abandonou a revolução aos seus inimigos, o Estado à ruína, a população urbana à fome.”⁵⁸ Afirmação que, de acordo com a historiografia mais recente, desconhece o fato de que a crise alimentar urbana era, sobretudo, um problema de distribuição e de troca e não de

⁵⁵ Idem, p. 511.

⁵⁶ *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*. p. 412.

⁵⁷ Idem, p.412.

⁵⁸ LUXEMBURG, R. A Revolução Russa. In: *Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 100.



produção agrícola. De distribuição, porque sistema ferroviário estava em colapso devido à crise econômica e à escassez de combustíveis. As linhas que funcionavam eram invadidas por multidões de famintos que queriam chegar ao campo pra comprar comida barata. E de troca, porque os camponeses resistiam em vender comida por papel moeda, pois devido a grande inflação, os *rublos* que recebiam não valiam nada. O esforço do governo em fixar preços fez com que o camponês se retirasse do mercado oficial e passassem a trocar no mercado clandestino, onde conseguia, pelo menos, trocar seus produtos por vodka.⁵⁹

No entanto, cedo os bolcheviques se viram na obrigação de organizar a “economia socialista”, tal como Luxemburg cobrava. Em meados de 1918, os camponeses já haviam realizado a revolução democrática no campo, tomando as terras antes pertencentes ao Estado czarista, a Igreja e aos grandes proprietários rurais, entendia Lenin. Mas, para o líder bolchevique, estava na ordem do dia iniciar a “revolução agrária socialista” e isso se daria mobilizando forças sociais no próprio seio do campesinato russo, ou seja, organizando os camponeses pobres, que enfrentariam ideologicamente a mentalidade “pequeno-burguesa” dos chamados *Kulaks*. Em 9 de maio de 1918, o *VTsIK* (Comitê Central de Toda Rússia) deu poderes extraordinários ao *Narkomprod* (Comissariado do Povo para o Abastecimento) para usar a força contra o que chamavam de “burguesia rural”, dada como “especuladora” sobre os estoques de grão. Em 11 de junho de 1918, formaram-se os primeiro *kombiedi*, comitês de camponeses pobres. A criação desses comitês estava ligada ao desabastecimento das cidades e não ao combate ideológico que Lênin, vez ou outra, procurou levantar como justificativa. Em novembro de 1918, Lenin assumiu o caráter artificial desses comitês, quando declarou: “decidimos cindir o campo”.⁶⁰

Deixando de lado o fato secundário da artificialidade desses comitês, o envio de destacamentos armados das cidades para recrutar camponeses miseráveis e lançá-los ao saque de “todo o excedente” da produção agrícola é um fator de regressão política no campo. Isso porque os alvos desses ataques eram os *soviets* camponeses (dominados pelos camponeses médios), herdeiros dos comitês da terra, que haviam feito a revolução. Assim sendo, rapidamente a ideia “revolução operária” foi se contrapondo a “revolução camponesa” sob o argumento de que o

⁵⁹ *La Revolución Rusa, 1891-1924: la tragedia de un pueblo*. p. 666.

⁶⁰ LENIN, V. Discurso pronunciado en una reunión de los Comités de Campesinos Pobres de las provincias centrales (8 de noviembre de 1918), *Obras Completas*, tomo 37, p. 183.



campo – parte passiva do processo – deveria sustentar a cidade, lugar dos trabalhadores e os soldados que lutavam ativamente pela revolução.

O poder bolchevique - como poder de Estado - restringiu a criatividade e a liberdade de livre associação dos trabalhadores. Em nossa visão, mais do que um evento ou um fato isolado, é esse cerceamento da auto-organização dos trabalhadores que demarca o fim do desenvolvimento prático da revolução. Nas cidades, em meados de 1918, os comitês de fábricas, que surgiram de forma espontânea para controlar os atos dos patrões, foram transformados em comitês de 'gestão de fábricas'. Transformar comitês de fábrica em comitês de gestão significa inverter o sentido de seu movimento, ou seja, corresponde a transformar órgãos do movimento operário em órgãos do processo produtivo. E entre os dias 20 e 27 de janeiro de 1918, o Primeiro Congresso Pan-Russo dos Sindicatos subordina os sindicatos ao Estado. A grande preocupação era a disciplina do trabalho e a produtividade. Isso significa fazer os sindicatos desempenharem uma função contrária a sua natureza, que é a de colocar-se como instrumento de negociação dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e bons salários.

No campo - para completarmos a escalada de retrocessos e concluirmos o que buscamos destacar até aqui - organizar a "agricultura socialista" passou a significar o poder ir em direção contrária à aspiração de oitenta por cento da população, que participou da revolução e buscava seu direito histórico, ou seja, o acesso a terra. Pontuar isso é central para compreensão do período imediatamente posterior a revolução e das inúmeras revoltas camponesas que aconteceram ao longo da guerra civil (1917-1922). Em Tambov, cerca de 40 mil camponeses se organizaram sob o comando de Antonov. Na Ucrânia, o exército de Makhno chegou a alcançar 50 mil homens. E na Sibéria ocidental, o exército popular chegou a reunir mais de 100 mil homens. Esses agrupamentos tinham em comum a rejeição às requisições do "excedente" - ou de toda colheita - ordenadas pelo governo de Moscou para alimentar o exército e as cidades.⁶¹ Em suma, a reversão do processo revolucionário fez com que o *muzhik* russo retornasse à sua secular resistência contra o Estado.

⁶¹ MARIE, Jean-Jacques. *História da guerra civil russa, 1917-1922*. São Paulo, Contexto, 2017, p. 18.